

Corpos pandêmicos: corpos femininos na/pra estética dos corpos de trabalho em situação de pandemia¹

Pandemic bodies: female bodies in / for the aesthetics of working bodies in a pandemic situation

Cuerpos pandémicos: cuerpos femeninos en / para la estética de cuerpos funcionales en una situación pandémica

Bruna Franco Neto²

Angela Maria Guida³

Resumo

Pensando a descoloniada do conceito de Arte, o presente trabalho visa à construção de narrativas imagéticas, a partir de uma leitura de imagens fotográficas de corpos subalternos localizados no tempo/espaço pandemia covid19. Essas narrativas serão construídas considerando os conceitos de biogeografias e, inspiradas na ideia de corpo-política, elucidarão sobre corpo-trabalho e corpo-denúncia na configuração dos corpos subalternos no ambiente colonizado (estética, cultural, geográfica, política e economicamente) do Brasil, em especial de Mato Grosso do Sul. A leitura das narrativas imagéticas aqui construídas almejam, por meio da noção de fronteira e de paisagens, mostrar, singularmente, a partir da proposta de uma estética outra, como esses corpos se colocam e como são vistos/reconhecidos nesse ambiente pandêmico.

Palavras-Chave: Arte; Descolonialidade; Corpos; Corpos pandêmicos.

Abstract

Thinking about the decolonization of the concept of Art, the present work aims at the construction of imagery narratives, from a reading of photographic images of subordinate bodies located in the covid19 pandemic time / space. These narratives will be constructed considering the concepts of biogeographies and, inspired by the idea of body-politics, they will elucidate body-work and body-denunciation in the configuration of subordinate bodies in the colonized environment (aesthetically, culturally, geographically, politically and economically) in Brazil, especially from Mato Grosso do Sul. The reading of the imagery narratives constructed here aim, through the notion of frontier and landscapes, to show, singularly, from the proposal of another aesthetic, how these bodies are placed and how they are seen / recognized in this pandemic environment.

Key words: Art; Decoloniality; Bodies; Pandemic bodies.

Resumen

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade on-line, 2020.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; netobrunafranco@gmail.com.

³ Professora Doutora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul FAALC/Sead, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; angelaguida.ufms@gmail.com.

Pensando en la decolonización del concepto de Arte, el presente trabajo tiene como objetivo la construcción de narrativas de imágenes, a partir de una lectura de imágenes fotográficas de cuerpos subordinados ubicados en el covid19 tiempo / espacio pandémico. Estas narrativas se construirán considerando los conceptos de biogeografías e inspiradas en la idea de cuerpo-política, dilucidarán el trabajo corporal y la denuncia corporal en la configuración de los cuerpos subordinados en el entorno colonizado (estética, cultural, geográfica, política y económicamente) en Brasil, especialmente de Mato Grosso do Sul. La lectura de las narrativas imaginarias aquí construidas pretende, a través de la noción de frontera y paisajes, mostrar, singularmente, a partir de la propuesta de otra estética, cómo se colocan y cómo se ven estos cuerpos / reconocido en este entorno pandémico.

Palabras clave: Arte; Descolonialidad; Cuerpos; Cuerpos pandémicos.

1. A arte descolonizada em corpos: a estética de narrativas imagéticas

*Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar⁴*

Um dos papéis fundamentais da Arte, aprendido desde a época dos estudos escolares, é o de representar – uma cultura, um corpo, uma ideia. Entretanto, Mignolo (2010) defende que a visão de Arte enquanto representação é nada mais do que a colonização do que é ser Arte, já que, ao colocá-la como “representante” de algo, limita suas possibilidades e, além disso, especifica o que mereceria, dentro de uma visão colonial, ser representado. Dessa forma, o conceito/ideia de Arte ao/a qual estamos familiarizados (“acostumados” ou “acomodados” talvez trouxesse mais justiça ao que se pretende aqui) está, sim, condicionado/a a certos padrões estéticos e que, em geral, não foram estabelecidos por aqueles que se encontram fora do “grande centro cultural” – a Europa e os Estados Unidos, ou, para trazer mais proximidade com o nosso *locus*, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Aos poucos, porém, temos nos dado conta de que esse conceito de Arte, de representação, é uma visão colonizada, e, assim, faz-se uma opção descolonial de Arte, porque “la decolonización de la estética imperial, basada en la

⁴ *Triste, louca ou má*. Francisco, el hombre.

representación, consiste en crear y hacer que lo creado no pueda ser cooptado, enflaquecido y achatado mediante el concepto de representación” (MIGNOLO, 2010, p. 21).

Na esteira do pensamento de Mignolo, ao se falar em Arte, aqui, pretende-se optar por uma visão descolonial, que não se enfraqueça e nem se achate, limite-se, ao conceito de representação, optando, descolonialmente, mais pela ideia de olhar artístico. Com essa opção descolonial, este ensaio pensa a partir de imagens que vão não representar, mas construir uma narrativa, narrativas imagéticas, pretendendo com/por elas propor um olhar, uma leitura, artisticamente sensibilizada, não só pela confecção das imagens, mas também, e talvez essencialmente, por causa da narrativa construída (também) por esta artista/professora/pesquisadora/mulher. Essas narrativas imagéticas constituir-se-ão considerando, então, no criar e no fazer (ou, talvez, melhor seria se utilizássemos a preposição “do”) do subalterno — geográfico, cultural, epistemológico (...). Neste ensaio, esse subalterno se configura originado de um determinado *locus* biogeográfico, não somente por localizarmos na América Latina, Brasil, Mato Grosso do Sul — que, com certeza, encontram-se fora do “grande centro da cultura” — mas também por sujeitos que se posicionam em outras margens que não puramente geográficas (mesmo que essas sejam também essencialmente importantes), esse lugar outro, também à margem, é o lugar de mulher e os vários lugares aos quais esse lugar se vai, se encontra, se submete para alcançar, enfim, as várias narrativas que constroem o ser mulher.

Dessa forma, neste breve ensaio, busco, por meio de imagens/fotografias, pensar o *ser – sentir – saber* corpo-mulher em um espaço/tempo da pandemia Covid19, procurando ler e, também, construir essas narrativas imagéticas desses corpos que, ao menos no olhar (artístico, porque sim) aqui posto, apresentam-se na condição de um corpo-trabalho e, em especial, um corpo-denúncia, na esteira do que propõe Mignolo com corpo-política, de um corpo-mulher que tem se mostrado imerso em uma “receita cultural” que a tenta definir, apesar de não necessariamente sê-la, em uma reprodução de um sistema colonial (político, educacional, artístico e cultural) que aprisiona corpos.

Começemos por considerar que o “papel” da mulher na contemporaneidade ganhou novas (ao menos teóricas) perspectivas. Do lugar de mulher do lar, esposa e mãe, outros lugares foram permitidos a esse corpo-mulher: o mercado de trabalho. É, entretanto, evidente que esse cenário não desocupa a mulher do lugar antes por ela ocupado (lar, esposa, mãe), fazendo-a

acumular funções. Entretanto, com o cenário de saúde mundial, a pandemia Covid19, as mulheres têm permanecido tempo integral dentro de casa, e nessa nova configuração, quem sabe poderíamos até nomeá-la de nova *biosgeografia*, a estrutura amalgamada do espaço trabalho e do espaço casa, antes teoricamente separados, passa a ser desmascarada no corpo-mulher, no espaço/tempo pandêmico e revelando, com o corpo-denúncia que aqui se lerá, que, para esses sujeitos, essa situação sempre existiu.

Como propõe Bessa-Oliveira (2016), não se pode ignorar o sujeito enquanto corpo que está em uma obra, seja ela artística ou cultural, a ser lida (como proponho aqui), sendo que “O sujeito, nesse sentido, tendo em mente ‘sua identidade cultural múltipla e o seu próprio lócus *geoespacial*, (histórico cultural local ou geográfico de enunciação)’, [...] constitui o que chamo de sujeito *biogeográfico*.” (BESSA-OLIVEIRA, 2016, p. 323). Desse modo, faz-se relevante apontar que os corpos trazidos para este ensaio constituem um recorte que muito conta da narrativa desta pesquisadora, uma vez que são sujeitos mulher-professora-pesquisadora e mulher-pesquisadora-professora-artista, tal como a minha narrativa que também assim se escreve.

É necessário lembrar que esses corpos estão inseridos em uma estrutura padrão de poder que vê na colonização a única maneira possível de manutenção do sistema, das estruturas de poder e das relações sociais dentro desse viés. Para Aníbal Quijano (2002, p. 4), ao discutir a repetição de um determinado padrão histórico de poder, o atual padrão de poder mundial consiste na articulação entre a colonialidade do poder (com a manutenção da ideia de raça), o capitalismo (com a exploração social), o Estado (estabelecendo controle da autoridade) e o eurocentrismo (controle da subjetividade), que, por controlarem todas as facetas da vida em sociedade, acabam, então, configurando o fenômeno do poder, e mais importante, da permanência desse poder, em um tipo de relação social, estabelecida pela co-presença permanente de dominação, exploração e conflito.

Nessa perspectiva, o que se pretende neste ensaio é olhar/pensar as narrativas imagéticas aqui apresentadas e, por meio delas, “ler” como essas histórias estão narradas, considerando estarem localizadas em suas específicas *biogeografias*, constituindo corpos coloniais que, tal como aponta Quijano (2002), encontram-se imersos nessa estrutura de manutenção de poder, fadados (será?) a repeti-los.

1.1. Os corpos pandêmicos: corpo-trabalho e corpo-denúncia na construção da estética de narrativas do feminino no tempo/espaço de Pandemia

Ao falar sobre sua obra *Paisagens Biográficas*, Bessa-Oliveira (2018) nos diz que aquelas imagens “não buscam ‘re-tratar’ de realidades sociais completas de um lugar esquecido pelos sistemas-mundo, mas tratam de uma individualidade *biogeográfica* que os mesmos sistemas-mundo estão sendo obrigados a parar para observarem.” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 77). É nessa perspectiva que se lê as imagens, as paisagens corpo-biográficas, aqui, não para traçar um modelo, uma representação da realidade da mulher em ambiente pandêmico, mas para observar as individualidades das narrativas ali construídas.

Dessa forma, propõe-se a opção de descolonização da estética, que se constrói, nessa opção, na superação de uma colonialidade global e que, acima de tudo, envolve todos os campos da experiência humana, partindo para a construção desse sujeito, ou, no mínimo, de narrativas (imagéticas) constituídas não só a partir de um lugar *biogeográfico*, mas também como manifestação de seu próprio olhar em seu contexto sociocultural. Assim, conforme propõe Bessa-Oliveira (2018), “Corpos biográficos que são, ao mesmo tempo, intenção e tensão com uma condição cultural localizada e em um determinado território geográfico específico reconhecido como enunciativo.” (p. 143), e, na leitura das narrativas imagéticas desses corpos pandêmicos, interessa-me muito mais a noção de condição cultural, no caso (como já adiantado pela canção de Francisco, el hombre), a condição de corpo-mulher, denunciada, no ambiente pandêmico, em, tão somente, um corpo-trabalho.

As figuras 1, 2 e 3 deste trabalho narram histórias – *biogeográficas* e de uma estética outra – localizadas no tempo/espaço da pandemia na visão (literal e representativa) feminina, evidenciando que o corpo-mulher, muito mais denunciado nesse tempo/espaço, mas não se limitando a ele, mostra-se tão somente um corpo-trabalho. Na figura 1, “O corpo ausente(presente)”, é apenas corpo-trabalho, chegando, até, a não materialmente se localizar ali o corpo-mulher que nele existe. A leitura e a construção dessa narrativa imagética só nos permitem reconhecer o corpo-mulher ali presente a partir das representações (coloniais) femininas ali encontradas, e, nesse contexto, cabe a ideia de representação, visto estarmos associando a uma visão hegemônica e patriarcal dos símbolos culturais da narrativa imagética (o rosa, a flor, o rodo). Tudo ali narra uma história, constrói uma estética, de um corpo existente

para o trabalho, condicionado a ele e, principalmente, tão marcado que chega, enfim, a anular o corpo em existência (ele existe?). Nessa perspectiva, Bessa-Oliveira (2019) nos lembra que nossos corpos ainda são colonizados e ainda respondem a um sistema de opressão e manutenção de poder hegemônico, patriarcal e que “ausenta” as sensibilidades e os saberes do ser pensante, coisificando-o apenas em objetos de trabalho.

Ainda sobre esses corpos, é importante, como bem nos situa Bessa-Oliveira, identificar o *locus biogeográfico* desses sujeitos. Em “O corpo ausente(presente)”, o sujeito que narra é um sujeito mulher, professora universitária, na geografia de Mato Grosso do Sul, pesquisadora e, também, um sujeito doméstico. Cabe-nos nesse momento o conceito de fronteira apresentado por Bessa-Oliveira, para quem fronteira, dentro de uma epistemologia contemporânea, é “um lugar do *si* movimentar-se entre, para além e aquém desse lugar supostamente delimitador edificado pelos discursos dos poderes (da arte e político) que estabelecem os fins e os começos de corpos e espaços” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 150), e, complementando-o, colocaria, ainda, que esse lugar é edificado também pelos discursos de poder estabelecidos pela receita cultural-social a qual estamos (especialmente o corpo-mulher) condicionados e ao discurso de poder do capitalismo, que, como já apontado anteriormente na voz de Quijano, constitui-se como uma estrutura de manutenção e controle da exploração social (e de trabalho) dos sujeitos. Bessa-Oliveira, ainda sobre o conceito de fronteira proposto, especifica que “*si* movimentar-se é estar nos dois lados da fronteira ao mesmo tempo. Pertencer, ser, sentir e saber os lados que o sistema capitalista colonial insiste em dicotomizar como pertencimentos *biogeográficos*: pertencer ao lado no exato momento em que estou nele” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 150).

Contudo, como delimitar esses “lados”, esses lugares, em um tempo/espço pandêmico em que as distinções, espaciais, de trabalho e casa (professora e “dona de casa”, por exemplo) já não podem estar demarcadas? Aliás, essa demarcação efetivamente existia, para o corpo-mulher, antes desse tempo/espço da pandemia? O que acontece com esse corpo que se coloca nesse espaço-fronteira? O que se narra, para responder simploriamente a essas questões, é um corpo-mulher (carregada e definida por todos os estigmas culturais, capitalistas, hegemônicos e patriarcais) que, transfigurada em corpo-trabalho, passa, agora sem as “máscaras” da normalidade, tão somente a sê-lo, tornando-se ora ausente ora presente fisicamente, mas sempre marcada (presente) na configuração trabalho, seja ele em que lugar for.



Figura 1 – O corpo ausente(presente)

Fonte: Acervo pessoal

Nesse lugar de fronteira do corpo evidenciado pelo tempo/espço pandêmico, manifestam-se corpos que ocupam um entre-lugar, semelhante ao que teoriza Silviano Santiago (2000), na fronteira, tanto cultural quanto social e, porque não?, estética. São corpos que ocupam o *entre* como o seu próprio lugar, um corpo que “permanece sentado quando mandam ou se levanta quando recebe tal advertência” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 100). E essa cena descrita por Bessa-Oliveira, no tempo/espço de pandemia, coloca-se não somente metafórica como literalmente, narrada na imagem da cadeira nas figuras 1, “O corpo ausente(presente)”, e 2, “corpo (sem) apoio”, e da cama na figura 3, “(des)estética do corpo posto”. O símbolo da cadeira em “O corpo ausente(presente)” e em “corpo (sem) apoio”, centrais em ambas as imagens, contam desses corpos que se encontram nesse espaço/trabalho, sendo por ele moldados, literal e metaforicamente, que no espço/tempo pandemia se realiza por meio do chamado *home office* (penso que não por acaso termo popularizado na língua inglesa), executado, geralmente, sentado em frente a um computador.

O sujeito corpo da figura 2, “corpo (sem) apoio”, é também um corpo-mulher que se constitui mulher, professora, pesquisadora, artista. Esse sujeito ocupa lugares (gênero e profissões) que ficam à margem, é, portanto, um corpo marginalizado e que, tal como o da figura 1, encontra-se em lugar de fronteira, ou, mais que isso, *si* movimenta-se nesse lugar.

Entretanto, na estética da narrativa imagética proposta na figura 2, o lugar de destaque é justamente o entre, como explicitado acima por Bessa-Oliveira, esse corpo-mulher em tempo/espaço pandêmico apoia-se no não-espaço, no entre-lugar, no (sem) apoio, narrando, mais uma vez, o corpo-trabalho explorado, desajustado, incomodado, acima de tudo moldado pelo sistema.

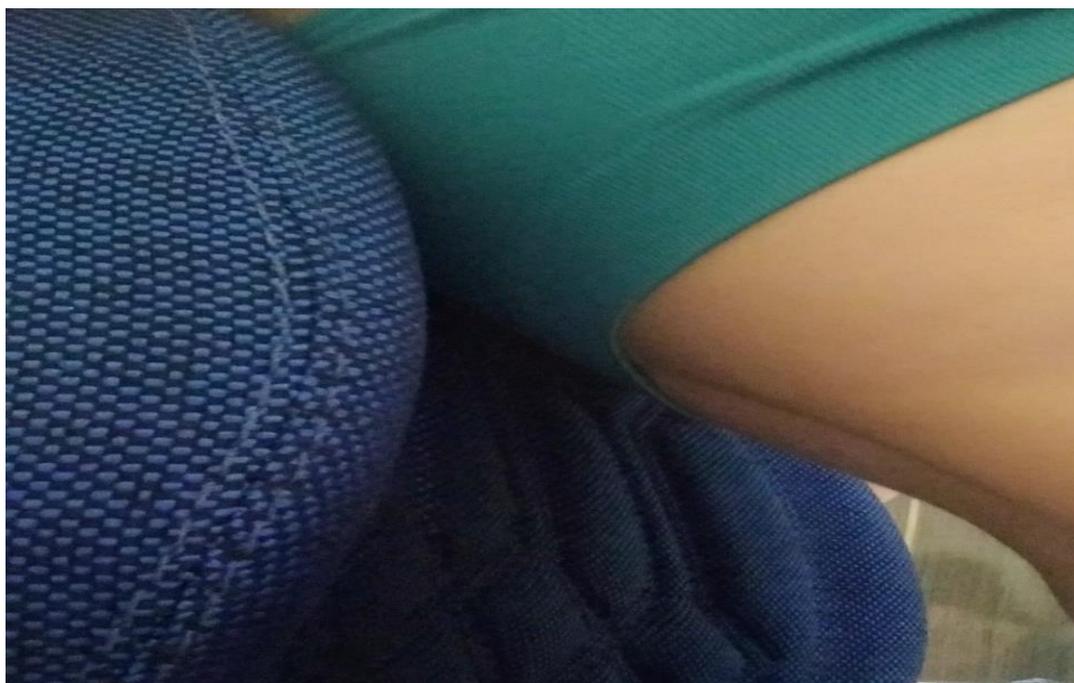


Figura 2 - corpo (sem) apoio

Fonte: Acervo pessoal

Tanto na figura 1 quanto na figura 2, a narrativa desse corpo-trabalho evidencia (se é que se pode utilizar esse verbo) na estética desforme do corpo em relação ao objeto-símbolo da opressão do trabalho – a cadeira –, seja ao anular o corpo físico (narrando-o na ausência – figura 1) seja ao desacomodá-lo (figura 2). Essas narrativas imagéticas vão, então, construindo identidades outras nessa nova configuração de corpos no novo tempo/espaço imposto, o pandêmico, pois “Nossa identidade é tudo aquilo que nos circunda; desde a noção de ‘circuncisão’ – aquela que marca para a vida – aquela que passa feito memória e história que o vento leva” (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p. 264). Apesar da metáfora da circuncisão não ser propriamente adequada ao corpo-mulher aqui posto, ela nos vale até mesmo talvez pela caracterização do distanciamento físico-metafórico e, também, pela manutenção dos paradigmas patriarcais que movem/movimentam as estruturas estéticas padronizadas do

sistema colonial ao qual, ainda, pertencemos, mas, para além disso, muito mais nos marca o conceito trazido por Bessa-Oliveira acerca do peso do ambiente, do lugar, para a constituição de identidades, sejam esses lugares passageiros – como o espaço/tempo pandêmico – ou não.

Compondo esse cenário do desconforto, do desforme do corpo-trabalho da narrativa feminina no espaço/tempo da pandemia, a figura 3, “(des)estética do corpo posto”, é a que mais deixa em evidência o corpo físico. O sujeito dessa imagem constitui-se, tal como outras aqui colocadas, como um corpo-mulher, professora, pesquisadora, e na mesma narrativa dos outros corpos narrados neste trabalho, encontra-se em uma composição de trabalho que coloca o seu corpo (físico, intelectual, estético) em lugar *entre*, uma fronteira do imaginário confortável e relaxante do símbolo cama que confronta com a posição desajustada da (des)estética desse corpo que se coloca, em todos lugares (já que não há mais as supostas demarcações espaciais explícitas), como, tão somente, um corpo-trabalho.



Figura 3 - (des)estética do corpo posto

Fonte: Acervo pessoal

Nas narrativas das figuras que compõem este cenário, esta estética feminina no tempo/espaço pandêmico, para além de leituras de corpo-trabalho há o corpo-denúncia, exatamente o corpo que se configurará para a proposta de uma estética descolonial. Dessa forma, nomenclaturadas como sujeitos subalternos, ao compor narrativas com/do corpo-denúncia o subalterno fala e, assim, deixa de ser subalterno, pois, ao produzir voz, ele elabora uma compreensão que é capaz produzir conhecimento, um conhecimento “que possa

compreender sua própria condição de subalterno; seja na condição cultural, seja para compreensão da sua produção artístico-cultural ou promoção do conhecimento da cultura enquanto reprodução do que entende por pertencer a sua cultura conhecida como subalterna” (BESSA-OLIVEIRA, 2013, p. 254).

Esses sujeitos, mulher-professora-pesquisadora-artista, constroem suas narrativas nesses lugares à margem, no *entre*, e acabam por ampliar as fronteiras do saber estimulando a reflexão acerca da própria formação dos sujeitos do saber (SANTOS, 2011), visto ocuparem também esses corpos da educação, seja no âmbito universitário ou do ensino básico, seja enquanto professoras ou enquanto pesquisadoras. Na narrativa do corpo-denúncia, desses corpo-trabalho femininos que, apenas por sê-lo, acumulam atividades e (des)(con)formam seu corpo, e, ao mesmo tempo, optam pela visão descolonial da estética, já que a estética descolonial

no postula una estética, sino estéticas que conserven particularidades y al mismo tiempo puedan establecer diálogos inter y trans-estéticos articulados a proyectos que persigan la superación de la colonialidad global. No es una esfera reducida al arte y al mundo de lo sensible; forma parte de la opción descolonial en general que involucra todos los campos de la experiencia humana: el pensar, el sentir y el hacer. (GÓMEZ, 2014, p. 18)

Dessa forma, na perspectiva da opção descolonial da/na construção de narrativas, importa, na constituição desse corpo-denúncia, que desmitifica a já não existente diferenciação entre trabalho/lar para o corpo-mulher, campos outros da experiência humana, não aqueles já ditados, já postos, que colonizam corpos, pensares e modos de sentir. O pensar – sentir – fazer desse(s) corpo-mulher, tanto este que vos fala quanto das imagens escolhidas para compor o cenário que aqui se propôs, colocam-se para desmascarar a estética/imagem de corpo perfeito pretendida e disseminada pelos sistemas de controle do poder (como já citados, a colonialidade, o capitalismo, o Estado, o eurocentrismo), um corpo perfeito que, só pode ser, por desassociar razão e emoção, por saber que, por ser um corpo-mulher, seu lugar é permanentemente (e incansavelmente negado) no *entre*. Quando, então, construímos essas narrativas, associando novamente razão e emoção, o que resulta é a constituição desse saber, desse re-conhecer o corpo, o seu corpo, em um estado (Estado) que não condiz com o padronizado.

2. Para fins de não definição: você é o seu próprio lar

Ao tratar de construção de narrativas imagéticas do corpo-feminino enquanto corpo-trabalho e corpo-denúncia no espaço-tempo da pandemia, pretendeu-se vislumbrar leituras outras, não normatizadas, sobre a constituição das narrativas desses sujeitos. Para tanto, buscou-se, também, uma abordagem que parte de um olhar estético sobre esses lugares, mas, acima de tudo, um olhar que se faz mais presente na situação observar o ausente, o sem apoio e a (des)estética, enfim, um olhar mais pretense ao corpo-denúncia.

Recuperando, então, a canção do início deste texto, o que se construiu na narrativa imagética proposta aqui foi que nossa (minha) opção parte da ideia de “Que um homem não te define / Sua casa não te define / Sua carne não te define”, daí a constituição do corpo-denúncia. Entretanto, como também lido na narrativa imagética aqui proposta, esse corpo se constitui no *entre*, ou seja, antes de corpo-denúncia (ou talvez *porque* corpo-denúncia) é corpo-trabalho, e vai se constituindo esse corpo na fronteira, no *se* movimentar-se incessante, uma vez que, como aponta Bessa-Oliveira (2018), nossos corpos não são imersos em nós mesmos e, por isso mesmo, (trans)bordam fronteiras.

Essas fronteiras dizem, aqui, da construção de uma imagem cultural-social narrada e lida pelos corpos-mulheres colocados em situação de isolamento social, mas também de trabalho, de exploração (do corpo, do capital, do saber). E essa construção se fez não com a rigidez técnica da fotografia ou da academia, já que “Tratar de saberes não quer dizer valer-se único e exclusivamente de saberes disciplinares para pensar os sujeitos, lugares e conhecimentos múltiplos produzidos na contemporaneidade” (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 67), mas a partir de sensibilidades outras, de olhares, percepções, tanto dos próprios sujeitos que compuseram os corpos (físicos) deste ensaio quanto do meu corpo (mulher, trabalho, artístico, cultural). Narrativas outras poderão ser lidas das imagens aqui colocadas. O saber que se pretendeu, que se leu, parte, também, da minha *biogeografia*, minha forma de sentir – pensar – fazer enquanto corpo-mulher, enquanto sujeito mulher-professora-pesquisadora-artista, enquanto corpo-trabalho e, por fim, corpo-denúncia.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Artista, professor, pesquisador: uma matéria em questão nas artes*. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. (Org.). NAV(r)E – Pesquisa e

Produção de Conhecimento em Arte na Universidade: artista, professor, pesquisador. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 255-266.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *desCOLONIZAR BIOGEOGRAFIAS – ESTÉTICA BUGRESCA COMO OPÇÃO DESCOLONIAL DA ARTE*. In: Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC - des_. 29, 30 e 31 de agosto de 2016 - Florianópolis/SC, 321 – 331. Disponível em:

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/9474>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVIERA, Marcos Antônio. PAISAGENS BIOGRÁFICAS DESCOLONIAIS. In: *Revista Raído*, Dourados, MS, v.7, n.14, p 251 – 267 jul./dez. 2013. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/2562/1615>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Fronteira, biografia – biogeografias – como episteme descolonial1 para (trans)bordar corpos em artes da cena*. In: *Conceição | Concept.*, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 142–157, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648471>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Diférences Coloniales – Fronteiras Culturais – Biogeografias e Exterioridades dos Saberes*. *Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais - Art&Sensorium*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 118-139, jun. 2019. ISSN 2358-0437. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2583>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas*. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Tendências Artísticas do Século XXI*, v. 1 n. 19 (2018), Campo Grande, MS, 59 – 84. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7729>. Acesso em: 15 mai. 2020.

BESSAOLIVEIRA, Marcos Antônio. *O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!”*. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Corpos Epistêmicos*, v. 2 n. 22 (2019), Campo Grande, MS, 83 - 109. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/563>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GÓMEZ, Pedro Pablo. *Introducción: trayectorias de la opción estética decolonial*. In: GÓMEZ, Pedro Pablo. (Editor). *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*. Pedro Pablo Gómez (et. al.). 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 11-28.

MIGNOLO, Walter. *Aiethesis decolonial – Artículo de reflexión*. In: CALLE14 // volumen 4, número 4 // enero – junio de 2010. Disponível em: http://200.69.103.48/comunidad/grupos/calle14/Volumen4/Vol4/Articulos/calle14_vol4_Walter%20Mignolo.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. In: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, AR, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624094657/6_Mignolo.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade, poder, globalização e democracia*. In: NOVOS RUMOS. Ano 17, nº 37, 2002, p. 4-28. Disponível em: <http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192> –Acesso em: 14 de maio de 2018.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In: _____ Uma literatura nos trópicos. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 09-26.

SANTOS, Boaventura de Sousa; HISSA, Cássio E. Viana. *Transdisciplinaridade e ecologia de saberes*. In: HISSA, Cássio E. Viana. (Org.). Conversações: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-34. (Humanitas).